

Construção da Identidade Drag Queen e Teoria Queer

Autoria

Natália Peixoto Pereira - NATALIAA_PEIXOTO@HOTMAIL.COM

Outro (PPGP) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Outro - Outra

Thays Martins do Nascimento - thaysdn@gmail.com

Progr de Mestr em Admin e Negócios/Faculdade de Admin, Contab e Economia – PPGAd/FACE - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Outro - Outra

Gisele M Bernardon - gisele@vibeas.com.br

Resumo

Este estudo buscou compreender como se dá a construção da identidade drag queen utilizando a Teoria Queer. Para isto, foram conduzidas entrevistas em profundidade com sete homens gays cisgênero drag queens na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Os participantes tinham entre 22 a 34 anos e informaram fazer drag de 2 a 5 anos. Para a análise dos dados foi utilizada a análise de temática, onde foram identificados três temas principais: Identidade Drag Queen; Preconceito; Autoaceitação. Entre os principais resultados está que a construção da identidade drag se dá por meio das experiências prévias à vivência drag. Os participantes também relataram que os preconceitos vivenciados acabam se tornando material para as performances e que a aceitação do público acaba refletindo na autoaceitação.

Construção da Identidade *Drag Queen* e Teoria *Queer*

Resumo: Este estudo buscou compreender como se dá a construção da identidade *drag queen* utilizando a Teoria *Queer*. Para isto, foram conduzidas entrevistas em profundidade com sete homens gays cisgênero *drag queens* na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Os participantes tinham entre 22 a 34 anos e informaram fazer *drag* de 2 a 5 anos. Para a análise dos dados foi utilizada a análise de temática, onde foram identificados três temas principais: Identidade *Drag Queen*; Preconceito; Autoaceitação. Entre os principais resultados está que a construção da identidade *drag* se dá por meio das experiências prévias à vivência *drag*. Os participantes também relataram que os preconceitos vivenciados acabam se tornando material para as performances e que a aceitação do público acaba refletindo na autoaceitação.

Palavras-Chave: Construção de Identidade; *Drag Queen*; Teoria *Queer*; Autoaceitação, CCT

1. INTRODUÇÃO

No Brasil o fenômeno das *drag queens* pode ser considerado recente, mesmo com a existência de *drag queens* desde os anos 70, foi a partir dos anos 90 que esse movimento se tornou emergente e mais expressivo (TREVISAN, 2000). Nos últimos dez anos, com o sucesso de personalidades como RuPaul Charles e seu programa *RuPaul's Drag Race*, a arte *Drag* tem ganhado cada vez mais representatividade na mídia. No Brasil podemos citar Silvetty Montilla, Pablo Vittar, Gloria Groove e Rita Von Hunty, entre tantas outras. No Rio Grande do Sul, mais especificamente na cidade de Porto Alegre, clubes temáticos sempre estiveram presentes, podendo ser citada a Vitraux Club, em funcionamento há décadas. Porém, mais recentemente houve um crescimento de estabelecimentos com a temática *drag*, além da aderência às apresentações de *drag queens* como atração em bares e festas convencionais.

Apesar da presença cada vez mais constate em programas de televisão, na música e outros espaços, muitas pessoas ainda têm dúvidas sobre o que é *drag queen*. As descrições iniciais em fontes literárias existentes colocaram as primeiras manifestações de *drag queens* na Inglaterra do início dos anos 1700. O termo se originou como gíria de teatro britânico no século XIX e foi usado para descrever atores homens que atuavam no papel de mulheres (NORTON, 2016). Segundo Rupp et al. (2010), *drag queens* são homens gays que performam em roupas de mulher. No entanto, pessoas com uma variedade de identidades podem performar em *drag*, incluindo pessoas transgênero, cisgênero, heterossexual ou homossexual, homens ou mulheres (Berkowitz et al., 2007). Assim sendo, a performance *drag* não está necessariamente ligada ou ser um indicativo da identidade de gênero ou orientação sexual de uma pessoa, por mais que represente um tipo de expressão de gênero (BRAMMER; GINICOLA, 2017).

As *drag queens* pegam características de gênero das comunidades heterossexuais e LGBTQI+ para criar sua personalidade, identidade própria e suas performances no palco, expondo o gênero somente como uma construção social. Desta forma, permitem uma ruptura na orientação heteronormativa de gênero, ao mesmo tempo que podem reforçar a imagem social do que significa ser uma mulher (GREAF, 2016). É importante ressaltar que além de *drag queens* (homens performando feminino), existem outras expressões artísticas semelhantes: as *ladies queens* (mulheres que performam feminino) e os *drag kings* (mulheres que performam masculino). Neste trabalho optou-se por investigar a performance *drag queen* por ser a mais facilmente encontrada e estar em expansão.

A literatura sobre *drag queens* continua a se expandir com a popularidade dos estudos de gênero e *queer*, que tem focado em suas performances no palco e/ou performances de gênero, bem como suas experiências emocionais e psicológicas (BERKOWITZ; BELGRAVE,

2010; KNUTSON et al., 2018; LEVITT et al., 2018; RUPP; TAYLOR; SHAPIRO, 2010). Rupp et al. (2010) encontraram que as performances de *drag queens* podem levar o público a questionar seus pré-conceitos em relação aos gêneros masculino e feminino. Os autores afirmam que *drag* é um ato performativo poderoso, fazendo com que uma *drag queen* bem-sucedida exerça uma forma única de poder sobre seu público. O fenômeno das *drags queens* fornece um estudo de caso interessante onde sinais comportamentais particulares aumentam a reputação e o bem-estar dos indivíduos que performam e assistem. No entanto, na literatura pesquisada, não foram encontrados estudos que investigassem o processo de construção da identidade de *drag queens*. Com base nisso a questão de pesquisa que norteou este artigo foi: **como se dá construção da identidade drag queen?**

O presente artigo está organizado em cinco seções, após a introdução, apresenta-se o referencial teórico, seguido do método. Na quarta seção encontram-se os resultados, por fim são apresentadas as considerações finais do trabalho.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Teoria Queer

O termo *Queer* em português significa estranho e durante muito tempo foi empregado de forma pejorativa e como ofensa para chamar os homossexuais, fazendo parte do movimento homofóbico (LOURO, 2001). De acordo com a autora, a Teoria *Queer* começa a se consolidar por volta dos anos 90 e surge a partir da crise da identidade homossexual. Seu início oficial se deu com a publicação do livro “Problemas de Gênero” (Gender Trouble) de Judith Butler. Hoje a Teoria *Queer* tem sido amplamente discutida pelo movimento gay norte-americano como uma forma de ampliar a discussão sobre a identidade sexual, saindo do paradigma separatista do binômio que dicotomiza hetero/homo e masculino/feminino, ultrapassando assim a discussão sobre gênero (SPARGO, 1999).

Butler (1990; 1999) enfoca o aspecto performativo de gênero. A autora vê a performance de gênero como um comportamento ritualístico que consiste na repetição e na recorrência de atividades que são interpretadas e governadas pelo discurso social dominante. Assim, gênero é algo que se faz ao invés de algo que se é. Enquanto *drag queens* seu gênero será identificado como feminino, podendo assim receber tratamento semelhante ao que as mulheres recebem, ressaltando que que isso pode variar de acordo com a passabilidade da *drag* por uma mulher. No entanto, quando estão fora da persona o tratamento recebido é o destinado aos homens homossexuais. Este confronto entre a identidade de gênero vivenciada pelas *drag queens* expõe as fronteiras de gênero presentes na nossa sociedade patriarcal, machista e homofóbica.

Segundo Butler (1988) “gênero é um desempenho na medida em que é o efeito de um regime regulatório de diferenças de gênero em que os gêneros são divididos e hierarquizados sob restrição”. Através de suas performances, persona e identidade, *drag queens* ilustram o argumento de Judith Bulter sobre desempenho de gênero. Como a categorização dicotômica de sexo é tanto socialmente construída quanto uma performance, Butler indica que gênero é igualmente usado como uma performance social ao aceitar e / ou negar a identidade de gênero de um indivíduo. Embora as *drag queens* sejam frequentemente vistas como uma comunidade que modifica o gênero, elas também reciclam os ideais heteronormativos das performances de gênero feminino. Desta forma, por meio de sua atuação feminina, elas podem reforçar as ideias sociais pré-existentes de feminilidade (GREAF, 2016).

2.2. Construção da Identidade

A construção da identidade de um indivíduo se dá por meio do autoconceito, que também pode ser chamado de autoconstrução, autoidentidade, auto perspectiva ou auto estrutura. Este conjunto de crenças sobre quem se é inclui elementos como papéis de gênero, orientação sexual e identidade racial. O ser aqui refere-se ao processo de reflexividade que emana da dialética entre o seu *self*.

O *self* é um fenômeno reflexivo que se desenvolve em interações sociais e é baseado no caráter social da linguagem humana. Rosenberg (1979) define o conceito de *self* em geral como a totalidade dos pensamentos e sentimentos de um indivíduo fazendo referência a si mesmo como um objeto. Para Turner (1968) o autoconceito se trata de uma ideia vaga, porém fundamentalmente sentida pelo indivíduo nos seus melhores momentos, daquilo que o encoraja e que acredita ser capaz de alcançar. A identidade também fornece uma base para manter um senso de auto unidade ao longo do tempo e do espaço (BERZONSKY, 2010). Ter um sentido de identidade coerente e estável fornece um quadro de referência para interpretar as experiências e informações auto relevantes, auxiliando na tomada de decisões para solucionar problemas pessoais.

A teoria da identidade sugere que a autoidentidade é composta por uma coleção de papéis desempenhados pela pessoa, que por sua vez induz uma ação habitual para apoiar a validação do autoconceito (STETS; BURKE, 2000). Desta forma, a autoidentidade tenta estabelecer consistência entre atitudes e ações (CHRISTENSEN et al., 2004), induzindo intenções específicas. Portanto, quanto mais relevante é uma identidade, mais provoca comportamentos congruentes de identidade (LAVERIE e ARNETT, 2000).

As pessoas aplicam categorias socialmente significativas para descrevem-se quando respondem à pergunta "Quem sou eu?", no caso do nosso estudo "Quem é a *Drag Queen* que eu performo?", utilizam-se por exemplo, das suas características sociodemográficas (gênero), papéis sociais (mãe, pai), tipos sociais (fumante, pessoa saudável), e até mesmo traços de personalidade (honesta, otimista, extrovertida). Assim, a perspectiva que se toma para si mesmo implica no que as pessoas entendem pelo tipo de pessoas que estão sendo, nas suas inferências e autopercepções baseadas no seu comportamento passado (RISE; SHEERAN; HUKKELBERG, 2010).

3. MÉTODO

Com o objetivo de entender a construção da identidade *drag queen*, o presente estudo possui uma abordagem qualitativa. Seguindo as orientações de Flick (2009) foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado, como forma de tornar a entrevista mais produtiva. O roteiro foi composto por oito perguntas abertas, contendo perguntas como:

- O que é ser *drag* para você?
- O que te motivou a ser *drag queen*?
- Como foi a construção da personagem?

3.1. Participantes

Foram entrevistados sete participantes, todos foram selecionados utilizando a técnica bola de neve, que é indicada para populações pequenas ou que sejam especializadas (AAKER et al, 2009). A partir de uma *drag queen* que era conhecida pelas autoras deste trabalho, outras foram sendo contatadas pela rede social Facebook. Todos os participantes realizavam

performances em um bar temático inspirado no programa *RuPaul's Drag Race*, na cidade de Porto Alegre.

Referente à caracterização dos entrevistados, todos eram homens, cisgênero, homossexuais, brancos, com idades variando de 22 a 34 anos e o tempo que realizavam performance *drag* variava entre 2 e 5 anos. Todos os participantes possuíam ensino superior e informaram ter profissões paralelas as atividades de *drag*, sendo que três eram atores, dois eram publicitários, um era administrador e um era engenheiro civil.

3.2. Coleta de dados

As entrevistas foram realizadas entre os dias 09/10 e 06/11 de 2017, tendo em média uma hora cada. As entrevistas foram gravadas e transcritas, como forma de facilitar a análise e interpretação dos dados, ao todo foram 8 horas de entrevista e 34 páginas de transcrição, utilizando espaçamento simples e fonte Times New Roman tamanho 11.

Além das entrevistas, dois entrevistados foram acompanhados no momento de montagem como uma forma de observar a mudança de comportamento, tom de voz e postura da pessoa para a da *drag queen*. Somando o tempo de entrevista ao tempo de montagem das *drags*, foram cerca de 13 horas de material bruto para análise.

3.3. Análise dos dados

Os dados foram submetidos a análises qualitativas para identificação de temas recorrentes nas respostas dos entrevistados. Adotou-se uma abordagem indutiva, ou seja, os temas estão vinculados aos dados coletados, não levando em consideração temas pré-existentes. A análise temática se concentrou no nível semântico do que foi trazido pelos entrevistados, através da descrição e interpretação de suas respostas, buscando significado na literatura anterior. Os dados foram analisados em conjunto pelas coautoras, seguindo as seis fases da análise temática: (1) familiarização com os dados; (2) geração de códigos iniciais; (3) busca por temas; (4) revisão dos temas; (5) definição e nomeação de temas; (6) produção de relatório (BRAUN; CLARKE, 2006).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Identidade *Drag Queen*

A construção da identidade *drag queen* se dá sob vários aspectos e de formas diferentes. A maioria dos entrevistados trouxe que a sua personagem *drag* começou através de um desejo de extravasar sentimentos e de empoderamento para si para os outros, agregando ao exposto por Rupp et al. (2010), quando os autores afirmam que *drag queens* exercem poder sobre o público.

“Ser *drag* para mim é resistência. É pegar tudo que eu reprimi em mim mesmo durante a vida inteira e botar para fora do jeito mais caricato possível. (...) Eu tenho a impressão de que eu queria ser ouvido e eu não era ouvido, daí quando eu coloquei uma peruca, coloquei uma maquiagem, as pessoas olharam para mim e queriam saber o que eu tinha para dizer e a partir disso eu comecei a trazer questões que eu queria que fossem discutidas, ou que eu queria que fosse mudado”.

Entrevistado 1

As experiências vividas no decorrer da vida tiveram papel fundamental na construção da autoidentidade *drag*. Essa constatação vai ao encontro do exposto por Rise et al. (2010), quando os autores trazem que a perspectiva de si está atrelada às autopercepções de comportamentos passados. As identidades *drags* de parte dos entrevistados acabam sendo construídas com base em experiências passadas, principalmente atreladas à infância, quando os entrevistados tiveram que reprimir seus comportamentos mais afeminados ou suas preferências por brinquedos e desenhos animados que não eram considerados adequados para meninos. Levitt et al. (2018) encontraram resultados semelhantes, quando sua amostra pesquisada relataram receber mensagens vergonhosas sobre sua identidade sexual desde a infância até a vida adulta.

“Eu sempre reprimia o feminino que tem dentro de mim, (...) hoje em dia eu meio que sou a Barbie que eu sempre quis ter e eu não pude, hoje em dia eu monto ela em mim mesmo”

Entrevistado 1

“Tem uma influência muito grande de Cruela Devil do filme 101 Dálmatas, mas também de todo o universo Disney, tanto as princesas quanto as vilãs... Sempre me monto pensando nisso e passando essa mensagem”.

Entrevistado 6

A capacidade das *drags queens* de modificar o gênero e atualizar ideais heteronormativos das performances de gênero feminino exposta por Greaf (2016) também foi trazida pelos entrevistados como parte da construção da identidade. Ao destacarem o papel da *drag queen* como uma forma de expressão artística potente, que é capaz de questionar e resistir aos padrões impostos pela sociedade, principalmente questões de gênero e sexualidade, os entrevistados 1 e 5 trouxeram as seguintes falas, respectivamente.

“Eu gosto de me montar de barba as vezes e gosto de brincar com a questão do masculino e feminino e de ser uma mistura das duas coisas”

Entrevistado 1

“Acho potente ser um cara que está vestido de mulher, mas eu acho potente também outras coisas... tu ser feminina, mas tu ter uma barba, uma coisa que as pessoas vão ficar tipo... o que é isso? É homem? É mulher?”

Entrevistado 5

4.2. Preconceito

O preconceito e a discriminação sofrida foram relatados por todos os entrevistados, mesmo não sendo um tópico central no roteiro de entrevista. O entrevistado 1 relatou que foi a partir de uma violência sofrida por ser homossexual que a sua personagem iniciou. Segundo ele, todo o desenvolvimento da sua identidade *drag* foi nesta época.

“Eu sofri uma violência dentro do campus e pensei que não gostaria que isso ficasse apenas para mim. Assim, meus colegas me incentivaram e criamos um dia que se chamou de Dia Gay. Todo meu curso me apoiou, todos se montaram e fomos para faculdade, a gente fez um desfile, a gente dançou e é nesses momentos que a gente vê o poder que tem uma *drag queen* na mudança do discurso.”

Entrevistado 1

O entrevistado 4 relatou o receio da família ao descobrir que ele fazia *drag*, evidenciando o desconhecimento de que *drag* é uma performance artística não estando atrelada à sua identidade de gênero, mas também o preconceito com outras identidades mais marginalizadas na nossa sociedade como as travestis. Percebe-se, desta forma, o papel educativo que as *drag queens* podem ter na sociedade, começando no âmbito familiar.

“Temos dois momentos, o primeiro é contar para a família que somos gays. O segundo é falar que além de gay nos vestimos de mulher. Isso gera uma ruptura e um espanto, pois eles confundem com travesti. Existe um preconceito muito grande com isso e mais ainda um receio pois existe uma marginalização. Eles ficaram preocupados com o meu sofrimento, mas aí comecei a explicar para eles o que é ser uma *drag queen*”.

Entrevistado 4

Entretanto, o preconceito não se origina somente pela falta de conhecimento sobre a performance *drag*, mas também pelo estigma em relação a comportamentos mais afeminados, dentro da própria comunidade gay (LEVITT et al., 2018), dificultando seus relacionamentos interpessoais.

“na comunidade ainda é muito mal visto tudo que é feminino, a gay que é afeminada, uma maquiagem, então isso as vezes é meio complicado, mas ao mesmo tempo é bom que você difere as pessoas que pensam pequeno”

Entrevistado 6

Conforme Butler (1990; 1999), gênero está relacionado ao comportamento, à performance e não ao que se é. Desta forma, os homens que fazem performances *drag* acabam sofrendo preconceitos que costumam ser destinados às mulheres e os preconceitos destinados aos homens homossexuais, principalmente devido ao fato de assumirem a sua feminilidade. O confronto entre a identidade de gênero das *drag queens* escancaram os preconceitos de gênero presentes em sociedades patriarcais, machistas e homofóbicas.

Embora muitas vezes acabem sofrendo preconceitos e sendo marginalizados, fazer *drag* pode ser fortalecedor, politizado e profundamente significativo para os homens gays (LEVITT et al., 2018), no tópico a seguir pode-se notar como esse processo auxiliou na autoaceitação dos respondentes.

4.3. Autoaceitação

. Assim como as experiências prévias contribuíram para a construção da identidade *drag*, as experiências vividas em *drag* auxiliaram os entrevistados em diversos aspectos das suas vidas. A partir das respostas ficou evidente o quanto a construção da personagem *drag* exigiu autoconhecimento dos entrevistados e como esse processo ajudou a melhorar a sua autoestima, autoaceitação e autoconfiança.

“fez com que eu me sentisse bonito o suficiente para estar na sociedade, bonito o suficiente para encarar as pessoas, para não ter medo de olhar as pessoas no olho”.

Entrevistado 7

“eu aprendi a gostar mais do meu corpo, de olhar para ele e achar bonito. É um corpo masculino que talvez não combine com a cabeça feminina, mas eu faço combinar, eu sou assim e não gostou, paciência”

Entrevistado 1

De acordo com as respostas dos entrevistados se pode notar que algumas características são potencializadas no momento da montagem, como é caso do entrevistado 6 ao dizer que a sua *drag* lhe traz coragem. Mas além disso, constatou-se que fazer *drag* pode libertar a pessoa de preconceitos da sociedade e o sentimento de estar montado ultrapassa as questões físicas e permeiam o emocional.

“Sempre fui um menino muito afeminado. (...) foi a minha válvula para canalizar toda essa feminilidade, tudo o que eu sentia para algo externo. Tinha vontade de extravasar e consegui (...). Com a personagem eu posso fazer isso. Ela surgiu para me ajudar a construir o ser humano que sou hoje.”

Entrevistado 4

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo compreender como se dá construção da identidade *drag queen*. Para atender a este objetivo foram realizadas entrevistas em profundidade e análise temática. Os temas que se destacaram em todas as entrevistas foram a identidade *drag queen*, as experiências de preconceito e como fazer *drag* auxiliou na autoaceitação dos indivíduos.

Este estudo reforça a Teoria *Queer* onde evidencia que sujeitos que interpretam as *drags* exemplificam a complexidade da sexualidade humana, incluindo as relações de gênero. Corroborando com os resultados de estudos anteriores (CHIDIAC; OLTRAMARI, 2004; GREAF, 2016) que também evidenciaram que fazer *drag* é uma manifestação dentro da chamada identidade *queer*, possuindo características masculinas e femininas. Geralmente, mesmo quando estão vestidos de forma masculina, por vezes, são chamados pelos nomes de suas personagens. Expressam, por diferentes meios, suas identificações com esse gênero, através das formas do corpo, da maquiagem utilizada e pela linguagem específica. Além disso, o vínculo da *drag* com o sujeito que a interpreta podem ter características até opostas, se levados em consideração aspectos físicos e comportamentais. Por possuírem seu próprio nome e espaço de socialização, as *drags* atuam como personagens, desempenhando seu papel social de maneira quase independente do sujeito.

A Teoria *Queer*, tal como vem sendo incorporada à cultura e às práticas da sociedade brasileira, vem questionar os dispositivos de biopolítica que disciplinam e controlam corpos e desejos, causando sofrimento a quem ousa ser diferente (MISKOLCI, 2004). Neste sentido, entre os principais achados está como a performance *drag* pode ser uma importante ferramenta de empoderamento para os indivíduos, que ressignificam experiências passadas de preconceito e discriminação por meio das suas performances. Estudos anteriores encontraram resultados semelhantes ao investigarem os aspectos psicológicos das performances *drag* (KNUTSON et al., 2018; LEVITT, 2019; LEVITT et al., 2018).

Entre as limitações encontra-se a dificuldade de acesso aos respondentes. Muitos convites para o estudo foram recusados devido à uma certa desconfiança em relação ao meio acadêmico. Acredita-se que essa desconfiança possa ser ocasionada por experiências passadas de preconceitos sofridos pelos indivíduos contatados. Outra limitação do estudo é que a amostra pesquisada foi constituída somente por artistas *drag* que se identificaram como homossexuais,

seria interessante observar como indivíduos heterossexuais constroem suas identidades *drag* já que não sofrem preconceitos como as pessoas da comunidade LGBTQI+. Estudos futuros podem investigar como ocorre a construção da identidade de mulheres que realizam performances *drag*, como *lady queens* e *drag kings*. Estes estudos podem verificar se ocorrem os mesmo preconceitos e barreiras nas relações interpessoais, assim como mesmos efeitos positivos na autoaceitação.

Por fim, acredita-se que este estudo agrega ao conhecimento existente sobre construção de identidade, reforça achados de estudos anteriores relacionados à teoria *queer* e sobre a experiência de homens gays que performam *drag*, mas também cria possibilidade para estudos futuros sobre esta temática no Brasil.

REFERÊNCIAS

- AAKER, D.A.; KUMAR V.; DAY, G.S. **Pesquisa de Marketing**. São Paulo: Atlas. 2009
- BERKOWITZ, D.; BELGRAVE, L. L. “She works hard for the money”: Drag queens and the management of their contradictory status of celebrity and marginality. **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 39, n. 2, p. 159–186, 2010.
- BERZONSKY, D. Cognitive processes and identity formation: The mediating role of identity processing style. **Psychologia Rozwojowa**, v. 15, n. 4, p. 13-27, 2010.
- BRAMMER, R.; GINICOLA, M. M. Counseling Transgender Clients. In: **Affirmative Counseling With LGBTQI+ People**. [s.l.] American Counseling Association, 2017. p. 183–212.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006.
- BUTLER, J. Gender trouble: Feminism and the subversion of identity. **Routledge**, 2011.
- BUTLER, J. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do ‘sexo’”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: **Autêntica**, 1999. p. 151-172.
- CHIDIAC, M. T. V.; OLTRAMARI, L. C. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 3, p. 471–478, 2004.
- CHRISTENSEN, P. N. et al. Social norms and identity relevance: A motivational approach to normative Behavior Personality and Social **Psychology Bulletin** Sage Publications Sage CA: Thousand Oaks, CA, 2 out. 2004. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0146167204264480>>. Acesso em: 26 fev. 2021
- GREAF, C. Drag queens and gender identity. **Journal of Gender Studies**, v. 25, n. 6, p. 655–665, 2016.
- KNUTSON, D. et al. The Emotional and Psychological Experiences of Drag Performers: A Qualitative Study. **Journal of LGBT Issues in Counseling**, v. 12, n. 1, p. 32–50, 2 jan. 2018.

- LAVERIE, D.; ARNETT, D. Factors affecting fan attendance: The influence of identity salience and satisfaction. **Journal of leisure Research**, v. 32, n. 2, p. 225, 2000.
- LEVITT, H. M. A Psychosocial Genealogy of LGBTQ+ Gender: An Empirically Based Theory of Gender and Gender Identity Cultures. **Psychology of Women Quarterly**, v. 43, n. 3, p. 275–297, 14 set. 2019.
- LEVITT, H. M. et al. Drag Gender: Experiences of Gender for Gay and Queer Men who Perform Drag. **Sex Roles**, v. 78, n. 5–6, p. 367–384, 1 mar. 2018.
- LOURO, G. L. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 541–553, 2001.
- MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, n. 21, p. 150–182, 2009.
- MISKOLCI, R. Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças. [s.l.] **Autêntica**, 2017.
- NORTON, R. Myth of the modern homosexual: Queer history and the search for cultural unity. **Bloomsbury Publishing**, 2016.
- RISE, J.; SHEERAN, P.; HUKKELBERG, S. The role of self-identity in the theory of planned behavior: A meta-analysis. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 40, n. 5, p. 1085–1105, 1 maio 2010.
- ROSENBERG, M. **Conceiving the Self**. [s.l.] RE Krieger, 1979. v. 6
- RUPP, L. J.; TAYLOR, V.; SHAPIRO, E. I. Drag queens and drag kings: The difference gender makes. **Sexualities**, v. 13, n. 3, p. 275–294, 2010.
- SPARGO, T. **Foucault and Queer Theory**. 1999.
- STETS, J. E.; BURKE, P. J. Identity theory and social identity theory. **Social Psychology Quarterly**, v. 63, n. 3, p. 224–237, 2000.
- TURNER, R. H. The self-conception in social interaction. In **The Self in Social Interaction**, ed. C. Gordon, K. Gergen. NY: Wiley, 1968.
- TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 3. ed. Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2000.